

Quinta-feira Santa

Conheci-a numa quinta-feira santa. Não tenho ideia do dia do mês nem do próprio ano. Foi numa quinta-feira santa e pronto.

Estava ao colo da mãe, uma jovem de dezasseis anos com deficiências cognitivas e marcas de maus tratos.

Ela era fruto de uma violação e teria, talvez, quinze meses. Não havia certezas porque não existia registo de nascimento e, por isso, não tinha identidade. Oficialmente era desconhecida.

Estava mal cuidada, sem higiene. O seu penteado era feito de pequeninos tufos de cabelo enfeitados com tererés, e, como os tufos eram muito pequeninos, estavam espetados dando a percepção de pequenos pregos. Noutras circunstâncias, o seu penteado seria uma bela manifestação de arte, mas nela... eu “vi” uma coroa de espinhos.

Foi naquela quinta-feira santa que associei aquele pequenino rosto, carregado de tanta mágoa, à paixão de Jesus Cristo.

A minha fé não me coloca numa atitude obsessiva para com a religião, mas, ao ver tanto sofrimento, só podia associá-lo à comemoração daquele dia. Eventualmente, mesmo um leigo teria pensado assim.

Para mim, era Cristo que estava ali.

Sem identidade, com fome, com sede, negligenciada, com sequelas de sevícias infligidas pelo pai, com tudo de mau e... com paralisia cerebral!!

Que maior crueldade poderia haver?

Foi registada, passou a chamar-se Alice. Começou a desabrochar tal qual uma flor. Os seus olhos negros e pestanudos ganharam brilho, iluminando o seu moreninho rosto. Eles substituíam as cordas vocais terrivelmente paralisadas. O seu arzinho melancólico foi anulado por um sorriso aberto e constante. Muito paciente e calma, era o encanto das outras crianças que encontrou na Instituição onde foi recebida, as quais, com imensa graça, muitas vezes verbalizavam: Ela é linda, linda, linda!

Não andava, mas, sentada na sua cadeira de rodas, colaborava com gargalhadas nas brincadeiras das amigas.

O seu rosto, até então denunciador de fome, ficou redondinho com duas bochechas a solicitar beijos. Nunca chorava e, numa quietude diária, foi crescendo rodeada de atenção e carinho.

A Alice era agora uma menina de doze anos. Ia entrar na adolescência e teria sonhos...

Quais seriam os seus sonhos?

Qual seria o seu futuro?

O que mais se poderia fazer?

Tantas interrogações, mas só uma resposta se encontrava: dedicação e amor incondicional.

Aproximava-se mais uma época Pascal.

E aquele dia tinha sido um dia normal: fisioterapia, atividades ocupacionais, intervalo musical e sorrisos, sempre muitos sorrisos até o sono os vencer. Mas, sem que ninguém esperasse, no dia seguinte, os olhos da Alice já não brilhavam, só o sorriso estava lá. Tinha partido, muito serenamente, no aconchego da sua cama quentinha e fofa.

Era quinta-feira santa.

Agora, vejo no céu o esplendor e o brilho dos seus olhos na estrelinha mais cintilante que observo da minha janela.

A Alice é um anjo.

Ana Isabel Sequeira

Universidade Sénior de Moura